



Ivan Vale de Sousa
(Organizador)

A Produção do Conhecimento nas Letras, Linguísticas e Artes 2

 **Atena**
Editora

Ano 2019

Ivan Vale de Sousa
(Organizador)

A Produção do Conhecimento nas Letras,
Linguísticas e Artes 2

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Natália Sandrini e Lorena Prestes

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

P964 A produção do conhecimento nas letras, linguísticas e artes 2 [recurso eletrônico] / Organizador Ivan Vale de Sousa. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. – (A Produção do Conhecimento nas Letras, Linguísticas e Artes; v. 2)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader.

Modo de acesso: World Wide Web.

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7247-280-7

DOI 10.22533/at.ed.807192404

1. Abordagem interdisciplinar do conhecimento. 2. Artes.
3. Letras. 4. Linguística. I. Sousa, Ivan Vale de.

CDD 407

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Nos cursos de formação preocupados com as conexões discursivas entre as ciências da linguagem, estudar a língua em uso significa compreender como o discurso é construído, sem a omissão investigativa das contextualizações da linguagem. Os cursos de formação simbolizam autênticos espaços de produção do conhecimento, além de problematizar as questões que necessitam ser refletidas e analisadas nas ações dos sujeitos.

Os sujeitos trazem como experiências as inúmeras e múltiplas vivências que são confrontadas nos espaços formais de ensino. Discutir sobre os processos de ensino significa considerar que há também a produção de saberes nos contextos não formais de produção do conhecimento.

Nesse sentido, a presente Coleção traz trinta reflexões e inúmeros autores que aceitaram o desafio de promover um diálogo com os contextos e as propostas de ensino, sobretudo na formação, alfabetização e letramento dos sujeitos, interlocutores desta coletânea. O que a torna necessária são as diferentes concepções e perspectivas nos quais os conhecimentos são apresentados.

No primeiro capítulo, as autoras discutem os contos de fada a partir do gênero propaganda, em que o estudo tem como metodologia de pesquisa a análise bibliográfica pertinente à problematização. No segundo capítulo, as autoras analisam o curta ficcional *Sombras do Tempo*, de Edson Ferreira, 2012, sob a perspectiva foucaultiana, aproximando os debates sobre raça e cinema no Brasil. No terceiro capítulo, o autor dedica-se em dois propósitos: identificar e analisar o diálogo entre a linguagem fílmica discutida no corpo do texto.

O autor do quarto capítulo traz à discussão a necessidade do planejamento escolar no contexto da dimensão teórico-pedagógica como prática necessária, além disso, discute e apresenta, sucintamente, as diferenças entre *planejamento* e *plano de aula*. No quinto capítulo, os autores apresentam as questões estéticas e visuais dos grafitos de banheiros como realização verbo-visual que apontam os discursos universitários. No sexto capítulo, o autor trata dos diálogos intertextuais entre Babadook e o Movimento Cinematográfico Expressionista Alemão.

No sétimo capítulo, a autora discute sobre as temáticas *formação* e *evasão* de alunos do Curso Técnico de Intérpretes da Língua Brasileira de Sinais. No oitavo capítulo, os autores discutem e analisam, a partir de estudos culturais, as visualidades produzidas e amparadas na investigação comparada e híbrida. No nono capítulo, o autor discute os processos discursivos que ligam o sujeito na discussão conceitual entre a materialidade do sujeito, a sociedade e o consumo.

O autor do décimo capítulo reflete os modos de aprendizagem da iluminação cênica no contexto da formação de acadêmicos de Teatro, a partir da realização de uma oficina de iluminação cênica. No décimo primeiro capítulo, os autores fazem um recorte de um estudo mais amplo realizado em determinada disciplina de formação.

No décimo segundo capítulo são analisadas e identificadas a aplicabilidade de instrumentos capazes de ampliar o vocabulário nos diversos contextos de produção.

No décimo terceiro capítulo, as autoras tomam o Italiano como herança linguística a partir da proposição de material didático. No décimo quarto capítulo, a autora aproxima o viés teórico da prática tendo como análise alguns escritos de Antonio Candido e Pier Paolo Pasolini. No décimo quinto capítulo, os autores refletem sobre as relações entre memória e aprendizagem, relacionando o tema à problemática do Alzheimer, a partir de uma análise fílmica.

No décimo sexto capítulo, os autores apresentam uma reflexão sobre a produção do conhecimento nas artes híbridas focalizando os possíveis diálogos e convergências da linguagem cinematográfica em audiovisualidades contemporâneas. No décimo sétimo capítulo, os autores propõem, discutem e problematizam um método alternativo para o ensino de Física com alunos do ensino médio de escolas públicas. No décimo oitavo capítulo, o autor aprofunda-se, de forma bilíngue, nos termos médicos para compreender o significado de termo aplicado à interpretação e diálogo.

No décimo nono capítulo, a autora investiga a condução de um processo artístico para o deslocamento e o equilíbrio pelo desenvolvimento permanente. No vigésimo capítulo, frutíferas reflexões são apresentadas pelos autores sobre o discurso da Educação do Campo e da Pedagogia da Alternância, colocando em jogo o entendimento teórico de uma proposta metodológica. No vigésimo primeiro capítulo, a autora provoca leituras, pesquisas e diálogos sobre a construção histórica de um veto ao ficcional que é, em última instância, um veto da própria imaginação.

No vigésimo segundo capítulo, o autor realiza uma análise, apresentando a intratextualidade, além do diálogo do autor consigo mesmo. No vigésimo terceiro capítulo, a autora trata da potencialidade do silêncio presente na imagem, a partir do filme-carta *Letter to Jane: na investigation about a still*, de Jean-Luc Gofarf e Jean-Pierre Gorin, tecendo um breve panorama poético-conceitual do que pode ser imagético. No vigésimo quarto capítulo, as autoras trazem ao leitor os resultados da prática de dança, utilizando-se do método investigativo e de questionário estruturado, realizado entre outubro de 2017 e fevereiro de 2018.

As autoras do vigésimo quinto capítulo destacam os sentidos do romance *O Continente*, primeira parte da trilogia *O Tempo e o Vento*, do escritor Erico Verissimo. No vigésimo sexto capítulo, a autora analisa a Progressão Parcial à luz da Análise de Discurso Pechetiana. Já no vigésimo sétimo capítulo, a discussão de um projeto é apresentada pelas autoras como proposta reflexiva.

No vigésimo oitavo capítulo, a autora discute a narrativa à valorização de uma voz subjetiva na representação do registro documental e da arte contemporânea. No vigésimo nono capítulo, a autora revela um percurso de uma pesquisa participante em arte. E, por fim, no trigésimo capítulo que fecha as reflexões desta Coleção, as autoras discutem acerca de uma ruptura com o discurso colonizador e seus mecanismos de pressão na América Latina.

Todos os autores dos trabalhos compilados neste segundo volume da coletânea em questão, desejam que os possíveis leitores e investigadores encontrem os questionamentos capazes de desenvolver as habilidades investigativas na produção do conhecimento em quaisquer que sejam as áreas do saber.

Ivan Vale de Sousa

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
CONTOS DE FADA EM PROPAGANDAS: APELO À EMOÇÃO E QUESTÕES DE GÊNERO FAIRY TALES IN ADVERTISEMENTS: APPEAL TO EMOTION AND GENDER ISSUES	
Fabiana Piccinin Silvana da Rosa	
DOI 10.22533/at.ed.8071924041	
CAPÍTULO 2	16
CORPO NEGRO E PODER O CURTA SOMBRAS DO TEMPO NA PLATAFORMA AFROFLIX	
Lara Lima Satler Emilly César Almeida	
DOI 10.22533/at.ed.8071924042	
CAPÍTULO 3	32
EL TOPO E O DRAGÃO DA MALDADE CONTRA O SANTO GUERREIRO: DAS SEMELHANÇAS E DIFERENÇAS ENTRE DOIS FAROESTES LATINOS DOS ANOS 70	
Gabriel Philippini Ferreira Borges da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.8071924043	
CAPÍTULO 4	42
O PLANEJAMENTO ESCOLAR NA DIMENSÃO TEÓRICO-PEDAGÓGICA	
Ivan Vale de Sousa	
DOI 10.22533/at.ed.8071924044	
CAPÍTULO 5	52
FABRICAÇÕES DO COTIDIANO: ESTÉTICA E VISUALIDADE NOS/DOS GRAFITOS DE BANHEIRO	
Ana Paula Aparecida Caixeta Luiz Carlos Pinheiro Ferreira	
DOI 10.22533/at.ed.8071924045	
CAPÍTULO 6	64
HERANÇAS EXPRESSIONISTAS NO HORROR CONTEMPORÂNEO: AS ESTRATÉGIAS DIALÓGICAS DE <i>BABADOOK</i>	
Gabriel Perrone	
DOI 10.22533/at.ed.8071924046	
CAPÍTULO 7	71
FORMAÇÃO E EVASÃO DE ALUNOS DO CURSO TÉCNICO DE INTÉRPRETES DE LIBRAS DA ESCOLA TÉCNICA ESTADUAL ALMIRANTE SOARES DUTRA - ETEASD NO MERCADO DE TRABALHO EM PERNAMBUCO	
Denise Melo Darlene Lira	
DOI 10.22533/at.ed.8071924047	
CAPÍTULO 8	74
AS <i>ARPILLERAS</i> E A REFLEXÃO SOBRE OS SUJEITOS EM NARRATIVAS POÉTICO-VISUAIS	
Jossier Sales Boleão Émile Cardoso Andrade	
DOI 10.22533/at.ed.8071924048	

CAPÍTULO 9	84
IMAGEM E CONSUMO: A TRANSFORMAÇÃO DO(NO) CORPO E A PROBLEMÁTICA DO REFERENTE	
Guilherme Carrozza	
DOI 10.22533/at.ed.8071924049	
CAPÍTULO 10	96
ILUMINAÇÃO CÊNICA: PRINCÍPIOS PRÁTICOS DA ILUMINAÇÃO TEATRAL	
Vanderlei Antonio Bachega Junior	
DOI 10.22533/at.ed.80719240410	
CAPÍTULO 11	103
INFERÊNCIAS E CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS: UM OLHAR SOBRE AS PROPAGANDAS DOS CAMELÔS NUMA CIDADE DO SERTÃO DA BAHIA	
Adão Fernandes Lopes	
Denise Dias de Carvalho Sousa	
DOI 10.22533/at.ed.80719240411	
CAPÍTULO 12	117
INSTRUMENTOS PARA A AMPLIAÇÃO E ADEQUAÇÃO VOCABULAR NO ÂMBITO DO ENSINO MÉDIO INTEGRADO: CONTRIBUIÇÕES PARA O DESENVOLVIMENTO DA COMPETÊNCIA TEXTUAL ORAL E ESCRITA	
Fernanda Luzia de Almeida Miranda	
Tuise Brito Rodrigues	
DOI 10.22533/at.ed.80719240412	
CAPÍTULO 13	128
ITALIANO COMO HERANÇA EM PEDRINHAS PAULISTA: UMA PROPOSTA DE MATERIAL DIDÁTICO	
Rosangela Maria Laurindo Fornasier	
Tatiana Iegoroff de Mattos	
Fernanda Landucci Ortale	
DOI 10.22533/at.ed.80719240413	
CAPÍTULO 14	140
LITERATURA E REALIDADE EM ESCRITOS DE ANTONIO CANDIDO E PIER PAOLO PASOLINI	
Ana Clara Vieira da Fonseca	
DOI 10.22533/at.ed.80719240414	
CAPÍTULO 15	150
MEMÓRIA E COGNIÇÃO: A DOENÇA DE ALZHEIMER RETRATADA NO FILME <i>ELLA E JOHN</i>	
Bianca Cardoso Batista	
Vagner Bozzetto	
DOI 10.22533/at.ed.80719240415	
CAPÍTULO 16	164
LINGUAGEM, CORPO E ESTÉTICA NA CONSTRUÇÃO DE CONHECIMENTO NO CINEMA E NAS ARTES DO VÍDEO	
Cristiane Wosniak	
Rodrigo Oliva	
DOI 10.22533/at.ed.80719240416	

CAPÍTULO 17	177
METODOLOGIA ALTERNATIVA PARA O ENSINO DE FÍSICA	
Shayenny Alves de Medeiros	
Maria Suenia Nunes de Moraes	
Kátia Cristina Barbosa da Silva	
Elivélton de Lima Alves	
Bismark Mota da Silva	
Brenda de Souza Silva	
José Walber Farias Gouveia	
Maria das Graças Araújo Barros	
Virgínia Micaela de Amorim Silva	
Rafaele Maciel da Silva	
Patricio José Felix da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.80719240417	
CAPÍTULO 18	187
MORFOLOGIA APLICADA À TERMINOLOGIA MÉDICA: UM ESTUDO PARA LINGUISTAS	
Bruno Eric dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.80719240418	
CAPÍTULO 19	200
O BALANÇAR DO MANTO	
Sofia Gentil Mussolin	
DOI 10.22533/at.ed.80719240419	
CAPÍTULO 20	212
O DISCURSO DA EDUCAÇÃO DO CAMPO E DA PEDAGOGIA DA ALTERNÂNCIA: ALGUNS APONTAMENTOS DISCURSIVOS	
Lucas Martins Flores	
Alice Maria Martins Rebelo	
DOI 10.22533/at.ed.80719240420	
CAPÍTULO 21	224
O IMAGINÁRIO COMO VIA DE TRANSGRESSÃO DO REAL	
Andréa Portolomeos	
DOI 10.22533/at.ed.80719240421	
CAPÍTULO 22	229
O INTERTEXTUAL E O INTRATEXTUAL NA OBRA DE WOODY ALLEN: UMA ANÁLISE SOBRE OS FILMES “ALICE”, “BLUE JASMINE” E “WONDER WHEEL”	
Alexandre Silva Wolf	
DOI 10.22533/at.ed.80719240422	
CAPÍTULO 23	239
O SILÊNCIO DA IMAGEM: PERSPECTIVA MICROPOLÍTICA NO FILME-CARTA <i>LETTER TO JANE</i> (1972)	
Maruzia de Almeida Dultra	
DOI 10.22533/at.ed.80719240423	

CAPÍTULO 24	254
PRÁTICAS DE DANÇA NA MATURIDADE E A EXPERIÊNCIA ARTÍSTICA NA REGIÃO SUL DO BRASIL: APRESENTANDO ALGUNS RESULTADOS	
Daniela Llopart Castro	
Elisabete Alexandra Pinheiro Monteiro	
Eleonora Campos da Motta Santos	
DOI 10.22533/at.ed.80719240424	
CAPÍTULO 25	264
PRODUÇÃO DE SENTIDO EM O <i>CONTINENTE</i> : MOVIMENTOS DO TEMPO E DO VENTO	
Ana Cristina Agnoletto	
Márcia de Souza	
DOI 10.22533/at.ed.80719240425	
CAPÍTULO 26	279
PROGRESSÃO PARCIAL: MAIS UMA LEI QUE NÃO FUNCIONA	
Mônica Lopes Névoa Guimarães	
DOI 10.22533/at.ed.80719240426	
CAPÍTULO 27	285
PROJETO DE ESQUADRIAS DE PALETES PARA OCUPAÇÃO ESTUDANTIL “CANTO DE CONEXÃO”	
Karina dos Santos Moura	
Renata Caetano Pereira	
DOI 10.22533/at.ed.80719240427	
CAPÍTULO 28	291
REGISTRO DOCUMENTAL NA ANIMAÇÃO A <i>BAILARINA</i>	
Carla Lima Massolla Aragão da Cruz	
DOI 10.22533/at.ed.80719240428	
CAPÍTULO 29	304
REVOADA EM CORES: PROCESSOS DE CRIAÇÃO E EXPRESSÃO SIMBÓLICA DA REALIDADE VIVIDA NAS AULAS DE ARTES VISUAIS	
Cristiane Machado Corrêa Ferreira	
DOI 10.22533/at.ed.80719240429	
CAPÍTULO 30	317
SUDACAS – CORPOS INSURGENTES: CARTOGRAFANDO CORPOS <i>TRANS</i> COM A CÂMERA POR UMA ARTE POLÍTICA	
Janayna Medeiros Pinto Santana	
Rosa Maria Berardo	
DOI 10.22533/at.ed.80719240430	
SOBRE O ORGANIZADOR	329

PRODUÇÃO DE SENTIDO EM *O CONTINENTE*: MOVIMENTOS DO TEMPO E DO VENTO

Ana Cristina Agnoletto

Universidade Federal da Fronteira Sul-UFFS
Chapecó-Santa Catarina

Márcia de Souza

Universidade Comunitária da Região de Chapecó-
Unochapecó
Chapecó-Santa Catarina

RESUMO: Este artigo tem como objetivo destacar sentidos do romance *O Continente*, primeira parte da trilogia *O Tempo e o Vento* do escritor Erico Verissimo. Os objetivos específicos voltam-se a perceber o envolvimento dos fatores históricos e familiares no romance; identificar as características da linguagem literária utilizada pelo autor na composição do texto; significar o título da obra e da trilogia correlacionando à história, à linguagem e à passagem das gerações. A partir da epígrafe da obra registram-se colocações sobre os termos tempo e vento com base no que foi exposto por críticos literários. A pesquisa é de caráter qualitativo e justifica-se a análise devido ao amplo arcabouço histórico e cultural propiciado pelo romance em relação à formação do povo rio-grandense. Para alcançar os objetivos a pesquisa contempla as seguintes abordagens: o aspecto social das obras no período literário que corresponde à criação do romance, o ambiente de criação, características

e inspirações de Erico Verissimo e dimensões de sentidos como as dos elementos tempo e vento. Narrando 150 anos da História do Rio Grande do Sul, em *O Continente* o autor põe em primeiro plano o destino dos personagens, ou seja, evidencia questões inerentes à vida e à morte, à força e à fraqueza e às paixões e às aflições das pessoas. Verifica-se que o tempo e o vento são significativos do início ao fim do romance, as gerações agem e repetem ações no tempo e o vento faz-se presente nos acontecimentos.

PALAVRAS-CHAVE: *O Continente*; Tempo; Vento; História; Cultura.

ABSTRACT: This article aims to highlight significations of the novel *O Continente*, first part of the trilogy *O Tempo e o Vento*, written by Erico Verissimo. The specific objectives are to understand the involvement of historical and family factors in the novel; to identify characteristics of literary language used by the author in the text composition; to mean the novel and trilogy's titles correlating to history, language and passing of generations. From the epigraph of the novel there are aspects registered about the terms time and wind based on what literary critics has exposed about it. The research has a qualitative character and it is justified due to the broad historical and cultural framework provided by the novel in relation to the formation

of Rio Grande Do Sul people. To reach the objectives the research contemplates the following approaches: the social aspect of works in the literary period that corresponds to the novel creation, the creation environment, Erico Verissimo characteristics and inspirations and significations dimensions such as the elements of time and wind. Narrating 150 years of Rio Grande do Sul History, in *O Continente* the author puts in the foreground the characters destiny, that is, he highlights aspects about people's life and death, strength and weakness, and passions and afflictions. It is verified that the time and the wind are significant from the beginning to the end of the novel, the generations act and repeat actions in the time and the wind is present in the events.

KEYWORDS: *O Continente*; Time; Wind; History; Culture.

1 | INTRODUÇÃO

O Tempo e o Vento é uma das obras mais significativas do escritor gaúcho Erico Verissimo (1905-1975) e *O Continente* é o romance que abre a trilogia, composta também por *O Retrato* e *O Arquipélago*, dos quais grande parte da história do Rio Grande do Sul, posta em pauta, funde-se com a trajetória da ficcional família dos Terra-Cambará. A trilogia destaca aspectos culturais do Sul do Brasil e é uma obra literária que tem forte representatividade de elementos histórico-sociológicos.

O artigo tem por objetivo analisar sentidos que *O Continente* traz para refletir o tempo e o vento dentro e fora da narrativa, contribuindo para a compreensão do papel social do romance. Os objetivos específicos voltam-se a perceber o envolvimento dos fatores históricos e familiares no romance; identificar as características da linguagem literária utilizada por Erico Verissimo na composição do texto; significar o título da obra e da trilogia correlacionando à história, à linguagem e à passagem das gerações.

A pesquisa é de caráter qualitativo porque se imbuí de aprofundamento temático centrando-se na compreensão. Conforme Minayo (2001 apud SILVEIRA; CÓRDOVA, 2009, p.32), “a pesquisa qualitativa trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos [...]”. Quanto aos objetivos, optou-se pelo fator exploratório porque proporciona “[...] familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses” (GIL, 1991, p. 45), para aprimorar as ideias a pesquisa exploratória possibilita abordar variados aspectos relativos ao tema. E, para o procedimento técnico, o tema é trabalhado por meio da pesquisa bibliográfica, especialmente com a utilização de livros.

O romance é enriquecido por entrelaçamentos históricos e culturais, assemelhando-se com o passado de muitas famílias oriundas do Rio Grande do Sul. É instigante o modo como o autor transpõe a composição sujeito-meio e Zilberman (2010, p.133) afirma que “Erico Verissimo faz o diagnóstico literário mais completo da primeira metade do século XX brasileiro, apresentando ao público a obra-prima de que aquele carecia há longo tempo”. Para alcançar os objetivos este artigo contempla

as seguintes abordagens: dimensões de sentidos do romance *O Continente*, bem como dos elementos o tempo e o vento nele presentes, o aspecto social da obra e o ambiente de criação, características e inspirações de Erico Verissimo.

2 | A FORMAÇÃO DE UM CONTINENTE

Narrando 150 anos da História do Rio Grande do Sul, *O Continente* é dividido em dois volumes e treze capítulos, dentre os quais sete se destinam à transcrição dos fatos ocorridos dentro do Sobrado durante alguns dias do ano de 1895 (na última revolução relatada na obra, a Federalista), esses capítulos intercalam-se entre os demais e ao final encontram-se na narrativa. *O Continente* é a Província de São Pedro, porém,

[...] mais do que isto. Seu projeto intelectual atribui ao Continente a função substantiva de um microcosmo onde se lê - na epopeia do gaúcho - o drama do homem de qualquer latitude, assegurando o trânsito do particular para o universal (CHAVES, 1985, p.16).

A ideia de um Continente como microcosmo assemelha-se ao que se pode ler na obra *O Ateneu* de Raul Pompéia, em que um núcleo representa um plano maior. Essa obra também não possui um enquadramento porque se constrói no movimento interno e externo simultaneamente. Em *O Continente* metaforiza-se o que incomoda e ao mesmo tempo rege a vida dos homens da época, de um tempo e de um espaço que se colocam para dentro e para fora da própria obra. Apesar de conceber determinada região do país, a obra segue de um jeito manso para muitas direções, como diz Drummond (1977) no poema *A falta de Erico Verissimo*, “óleo a derramar-se lentamente”, talvez tomando conta dos espaços e suprindo a falta que esse mesmo Erico faz em colocar à máquina “o destino dos seres”. Pela exposição de Bordini (2004), o Continente é pouco caracterizado, Santa Fé, por exemplo, é reduzida a poucas construções na narrativa, são muito mais latentes as características das pessoas que habitam tal região.

A fictícia família Terra vivia numa estância distante, onde não existia calendário nem relógio. A filha mais nova de Maneco Terra, Ana, estava cansada daquela vida sem perspectivas porque um dia era a repetição do outro. Ana Terra ficava por horas escutando o vento, um viajante que nunca apeava do cavalo e, mesmo sem ouvi-lo, sabia que ele estava ali de alguma forma anunciando acontecimentos que, por vezes, eram muito dolorosos. Pedro Missioneiro, filho de índia com bandeirante paulista, foi criado pelos jesuítas na região das Missões. Havia nele traços marcantes do catolicismo e habilidades múltiplas aprendidas nas reduções, além de ser bastante letrado, no entanto, para a família Terra, “[...] a presença da cultura letrada, no meio rural hostil da fronteira [...]” (BORDINI, 1995, p. 220) era sempre desvalorizada. O envolvimento de Pedro e Ana foi imperdoável pela família Terra, visto que a moça foi supostamente desonrada pelo rapaz e ficou grávida.

Após passar por uma tragédia, resultante da invasão dos castelhanos na terra dos pais, Ana envolve-se de coragem para sair daquele lugar e viaja para o

pequeno acampamento de Santa Fé levando consigo o filho pequeno e uma velha tesoura de podar que sua mãe utilizava em partos. Foi com esse utensílio que Ana ficou conhecida como parteira em Santa Fé. “Erico explicou que procurava-se sentir mulher [...]” (BORDINI, 1995, p. 134) para compor suas personagens femininas, e no romance elas são fortes e persistentes, “[...] a resistência das mulheres assegura a continuidade dos dias e das coisas” (CHAVES, 1985, p. 28), na verdade, são heroínas sem lutar em guerra.

Na Vila de Santa Fé está refletido o desenvolvimento da sociedade gaúcha de 1745 a 1945. Santa Fé foi fundada pela família Amaral, outra família de grande impacto no romance, pois o entrelaçamento entre os Terra, os Cambará e os Amaral vai balançar politicamente toda a trama. Em Santa Fé “[...] os homens são mais pacientes do que agentes, [...] recebem passivamente o progresso, as ideologias, as guerras, as revoluções” (SCHÜLER, 1972, p.170) e por lá também,

Não havia datas. Esse era um característico das gentes daquele lugar: ninguém sabia muito bem do tempo. [...], continuavam a marcar a passagem do ano pelas fases da lua e pelas estações. E quando queriam lembrar-se dum fato, [...] ligavam-no a um acontecimento marcante na vida da comunidade (VERISSIMO, 2015 [1949], p.223, v.1).

Nesse contexto o filho de Ana cresceu, foi para a guerra, casou e teve filhos. Entre os filhos Bibiana é a réplica da forte personagem Ana Terra porque muito assemelha-se à avó e repete suas falas e presságios: “Minha avó costumava dizer que sempre que está ventando alguma coisa importante acontece” (VERISSIMO, 2015 [1949], p.91, v.2), e repetia uma famosa frase: “Noite de Vento, noite dos mortos...” (VERISSIMO, 2015 [1949], p.189, v. 1). Candido (1972) analisa a inserção dos personagens no enredo apontando que “[...] cada personagem é ele próprio, mas também um elo na história da família, enquanto essa, por sua vez, é um elo na história da província” (CANDIDO, 1972, p. 41-42). Também, “na sucessão do tempo, cada geração possuirá a sua Ana Terra, reeditada na personalidade de Bibiana, Maria Valéria, Flora, Sílvia...” (CHAVES, 1985, p. 28), ou seja, características marcantes dos personagens evidenciam-se no transcorrer do romance e de toda trilogia.

A beleza de Bibiana encantou um forasteiro, um certo Capitão chamado Rodrigo Cambará que vem de onde ninguém sabe e acaba vencendo a disputa com Bento Amaral pela mão da donzela. Rodrigo era um homem de guerra, bebia num sorvo só, gostava de festas e mulheres, por consequência, transmitia ameaça àquela pacata gente. Já na chegada deu o ar da graça quando bradou: “Buenas e me espalho! Nos pequenos dou de prancha e nos grandes dou de talho!” (VERISSIMO, 2015 [1949], p. 209, v.1), afinal, chegou a cavalo, com o chapéu de barbicacho, a cabeça de macho erguida e um violão a tiracolo. A mãe de Bibiana prevê o futuro da filha: “Bibiana é bem como a avó, dessas que só gostam dum homem em toda a vida” (VERISSIMO, 2015 [1949], p. 295, v.1). O vigário do povoado sentia afeto pelo Capitão, apesar dele não ser ligado ao trabalho e gostar de festas, segundo o vigário, era um homem de

bom coração. Capitão Rodrigo teve filhos com Bibiana, mas, aquela vida pacata não era para ele, sentia falta de guerra e de chinas para diversão. São muito vorazes as descrições do machismo nos personagens homens e Rodrigo personifica bem esse tipo. Para o Capitão, Santa Fé era muito parada e quando a Guerra dos Farrapos estourou ele saiu para lutar e Bibiana ficava esperando-o em dias que custavam a passar, “já que os acontecimentos são obra do destino, esperar é uma virtude [...] é virtude principalmente feminina” (SCHÜLER, 1972, p. 172), e como “Cambará macho não morre na cama” (VERISSIMO, 2015 [1949], p. 245, v.1), Rodrigo morreu lutando.

Por volta de 1833 chegam alemães em Santa Fé, os Kunz e os Schultz. Era gente de costumes diferentes, muito brancos e além de tudo eram protestantes, muito estranhos aos olhos dos santa-fezenses, preconceituosos com culturas diferentes. No segundo volume do romance cabe ressaltar a figura estrangeira do Sr. Winter, um médico alemão que veio morar em Santa Fé e, conforme apontamentos de Bordini (1995), foi alguém que comparou as civilizações europeia e sul-americana no romance. O Sr. Winter achava aquele povo tão ultrapassado, mas algo o prendia àquele lugar, certamente a força e resistência daquela gente surpreendiam-no.

A medicina, o jornalismo e a advocacia começavam a avançar em Santa Fé, que foi elevada à cidade apenas em 1884. O Sr. Aguinaldo Silva, um baiano, construiu um grande Sobrado na cidade, localizado no terreno que pertencia à família Terra. O Sobrado passa a ganhar destaque como um personagem e convém considerá-lo como um símbolo de “[...] aconchego, tradição e fortaleza [...]” (BORDINI, 1995, p. 133). Alguém de fora do Continente mexeu com o ego da família Amaral.

Luzia Silva, neta de Aguinaldo Silva, é talvez a personagem mais enigmática do romance, bastante culta, tocava cítara e, na verdade, não gostava de morar ali. É possível assemelhar algumas características à personagem Capitu da obra *Dom Casmurro*, de Machado de Assis, e, assim como a personagem machadiana, Luzia é uma mulher de personalidade forte que carrega mistérios num olhar profundo e inquietante. O capítulo que insere essa personagem no enredo chama-se *Teiniaguá*, uma referência à lenda de uma bela jovem bruxa moura que o diabo transformou numa lagartixa, cuja cabeça consistia numa pedra preciosa de brilho muito forte e que desgraçava a vida dos homens. O imaginário popular está presente na obra a partir dessa associação, iterando assim uma das características da estética moderna ao trazer à tona itens da crença popular. A teiniaguá desgraçou a vida de Bolívar Cambará, filho de Bibiana, que morreu logo após o nascimento de Licurgo, único filho do casal. Aparentemente o rapaz não estava mais lúcido e deixou-se morrer em guerra como o pai.

Após a morte de Bolívar, Bibiana e Luzia guerreavam silenciosas naquele imenso Sobrado, enquanto lá fora transcorria a Guerra do Paraguai. Luzia adoeceu e Bibiana, enfim, tomou conta do que já era dela, como dito pelo Sr. Winter ao Florêncio, sobrinho de Bibiana: “Vosmecê está enganado se pensa que sua tia se revelou uma mulher má. Ela é [...] prática. Não só recuperou as terras de seu pai, [...] também garantiu o futuro

do neto [...]” (VERISSIMO, 2015 [1949], p. 196, v.2), de uma forma pacienciosa e estratégica Bibiana agia, assim como os homens nas revoluções. Licurgo cresceu com as letras, mas também aprendendo a se comportar como o típico gaúcho, o Sr. Winter ensinou-lhe sobre o mundo e o capataz do Angico, o velho Fandango, ensinava-o a domar cavalo, percorrer as invernadas e se comportar como “homem”. Licurgo era republicano e seguidor de Júlio de Castilhos, tinha bom coração como o avô, foi ele o primeiro da cidade a dar carta de manumissão aos escravos, porém, como o avô, gostava de sair com as chinocas, até que uma delas tornou-se amante: a Ismália, uma segunda Luzia Silva, outra teiniaguá, a que encanta e desgraça a vida dos homens? Certamente.

Nessa época via-se o aparecimento dos imigrantes italianos criando povoados perto de Santa Fé. Até o novo vigário da cidade é italiano e surpreendente é o posicionamento dele, não se abala pelo protestantismo e tem uma visão de que no desenvolvimento da cidade há espaço para todo mundo. Santa Fé abre-se para transformações, o espaço de cultura única começa integrar outras nacionalidades e o linguajar local fica imerso também por alemão e italiano, apesar da resistência local.

O encontro das narrativas chega ao fim do romance quando o Sobrado é cercado pelos maragatos. Licurgo recusou-se a estender bandeira branca, mesmo com a morte da filha recém-nascida, com o adoecimento da mulher e a situação precária de comida e água naqueles dias. Era orgulhoso como os homens daquela terra e muito teimoso como o bisavô Pedro Terra. Chaves (1985) explica que “Erico Verissimo manteve o modelo na estirpe do Capitão Rodrigo. São homens [...] que conduzem as guerras; podem estar em pleno combate no campo aberto ou [...] defendendo o Sobrado [...]” (CHAVES, 1985, p. 24). No andar de cima do Sobrado, Bibiana, no auge dos 90 anos, relembra do passado, das guerras, do Capitão Rodrigo e da avó Ana Terra e lá fora está ventando como nunca, anunciando o fim da de mais uma guerra e a morte do sobrinho Florêncio Terra.

O Continente é o espaço de Ana Terra e do Capitão Rodrigo “uma região: O Rio Grande do Sul; e, na transfiguração operada pelo autor, o espaço e o tempo mítico das personagens que o simbolizam” (CHAVES, 1985, p.16). Dentro de um cenário fictício, Erico elenca símbolos gaúchos para compor uma trajetória de guerras, rivalidades políticas, disputas territoriais, defesa da cultura, desenvolvimento social, campeirismo, sucessões familiares, entre outros elementos, condicionados pelo ambiente e manejados pela ação humana, ora passiva ora ativa, mas sempre ligada ao ventre da terra. A terra está entre o tempo e o vento, portanto, nada melhor do que nomear a família de maior destaque no romance com o sobrenome Terra. Em *O Continente* constata-se que o elemento terra é o elo das famílias, evocadas pelo desejo de pertencimento a um espaço que o tempo não destrói, apenas altera as condições.

3 | ASPECTOS SOCIAIS NA LITERATURA

Uma miscelânea de línguas como a espanhola, a indígena, a portuguesa, a alemã e a italiana são misturadas no vocabulário do romance. Erico Verissimo traz o vocabulário regional em sentenças como: “Era com uma certa volúpia que parava rodeio, curava bicheiras, marcava o gado. Era voz geral que o próprio Ricardo gostava de sangrar as reses para carnear [...]” (VERISSIMO, 2015 [1949], p. 170, v.1) e em: “O vaqueano cozinhou arroz com charque, que ambos comeram em silêncio, e depois preparou um chimarrão, de que o médico teve de participar, para não ofender o companheiro [...]” (VERISSIMO, 2015 [1949], p. 95, v.2), demonstrando, sobretudo, a forte característica cultural da região.

Pedro Missioneiro tinha vocabulário espanhol, como pode ser visto quando contou como foi parar na localidade da família Terra: “[...] o cavalo fugiu, senti olor de água, estava loco de sede vim de rasto até a beira da sanga. Entonces todo quedou escuro” (VERISSIMO, 2015 [1949], p. 114, v.1). As palavras firmes de Maneco Terra relatando como eram as mulheres da cidade: “pra essas éguas da cidade não há cabresto nem palanque” (VERISSIMO, 2015 [1949], p. 124, v.1) é exemplo da língua falada pelos populares do Continente. “Aceita um amargo ou uma guampa de leite?” (VERISSIMO, 2015 [1949], p. 370, v.1), é uma enunciação que pode ser vista na obra *O Continente* de forma que identifica um pouco da linguagem utilizada pelos personagens e também o modo hospitaleiro como tratam os visitantes e estrangeiros que aportam na vila de Santa Fé. Capitão Rodrigo também mostra a força do palavreado gaúcho: “Me criei guaxo” (VERISSIMO, 2015 [1949], p. 247, v.1), também quando se nega à confissão católica: “Se eu me confessasse e não morresse, ia ficar com uma vergonha danada de ter me entregado só por medo da morte. Todo mundo ia dizer que afrouxei o garrão [...]” (VERISSIMO, 2015 [1949], p.288, v.1) e quando se mostra dominante no casamento: “Me frita uma linguíça que eu já volto. Até logo minha prenda” (VERISSIMO, 2015 [1949], p.358, v.1).

Em obras literárias podem ser encontradas dimensões sociais aparentes: a linguagem, os costumes, modas, manifestações grupais e referências a lugares, no entanto, um assunto ao ser abordado se envolve por condições que necessitam de compreensão para entranhar-se em sentidos. A literatura constitui-se e caracteriza-se por meio do entrelaçamento de fatores sociais, considerar esses fatores na formação da estrutura da obra é decisivo para analisá-la, não obstante, é insuficiente comparar uma obra com a realidade exterior para entendê-la, porque isso seria apenas simplificá-la. Pelos apontamentos de Candido (2002), as relações sociais na composição de toda a obra, mediante expressiva análise, considera

[...] o elemento social, não exteriormente, como referência que permite identificar, na matéria do livro, a expressão de uma certa época ou de uma sociedade determinada; nem como enquadramento, que permite situá-lo historicamente; mas como fator da própria construção artística, estudado no nível explicativo e não ilustrativo (CANDIDO, 2002, p.7).

A mestiçagem brasileira foi ignorada nas obras literárias por muito tempo e Erico traz à tona essa diversidade, além de que *O Continente* realça o folclore e a etnografia em constante movimento entre a arte e a sociedade, com influências recíprocas. A teiniaguá e o negrinho do pastoreio são exemplos de crenças populares trazidas para a estética da obra. No entanto, convém apontar que as preferências pessoais predominam na verdadeira obra de arte sobre os elementos sociais.

Autores como Erico Verissimo assimilaram aspectos da psicanálise e também “[...] plasmaram um tipo ao mesmo tempo local e universal de expressão, reencontrando a influência europeia por um mergulho no detalhe brasileiro” (CANDIDO, 2002, p. 121). Entre os aspectos característicos da criação, referindo-se a Erico Verissimo, está a vida difícil nas cidades em transformação, em que o problema prepondera sobre os personagens. Temas como o destino do homem integram a dialética do universal e do particular. Na obra do romancista a “[...] literatura só ultrapassou o regionalismo por distinguir o universal no particular” (CHAVES, 1985, p. 28), ou seja, o romance ultrapassou as fronteiras do Rio Grande do Sul por problematizar questões comuns ao ser humano que independe do espaço para existir, tornando-se universal.

Segundo Chaves (1976), os romances no Brasil, durante a década de 1930, são romances sociais, uns mais outros menos intensos nesse aspecto para reconhecer o espaço brasileiro por incorporação de características, aceitação de falas regionais e panoramas políticos. Segundo Candido (2002), e considerando a amplitude de ideias em movimento, é notável o interesse pela investigação histórico-sociológica. Cabe destacar que, como pano de fundo da trajetória dos personagens de *O Continente*, estão as guerras e revoluções, como a Guerra dos Farrapos, Guerra contra Rosas, Guerra do Paraguai e Revolução Federalista e vários dos personagens participam dos conflitos. Porém, os acontecimentos históricos não tomam conta da ação, segundo Zilberman (2010), quando é preciso explicar o contexto, o autor preocupa-se em inserir notícias de jornal, páginas de almanaques e cartas trocadas entre personagens, a escravidão e o início do abolicionismo também são temas do romance. O autor, então, põe em primeiro plano o destino dos personagens, ou seja, evidencia questões inerentes à vida e à morte, à força e à fraqueza e às paixões e às aflições das pessoas.

4 | INSPIRAÇÕES E CRIAÇÃO LITERÁRIA DE ERICO VERISSIMO

Erico Verissimo é considerado um autor realista que integra o movimento literário brasileiro a partir do século XX, especialmente do Modernismo da década de 1930. O romancista utiliza a estética realista para “[...] conciliar a saída para o irreal [...] com a responsabilidade de aderir ao real [...]” (BORDINI, 1995, p.27) numa representação ficcional da vida do homem e também da história. O autor buscou referência para apoiar sua visão na mimese grega, penetrando na ideia da captação dos fatos pelos sentidos.

Segundo Bordini (1995), o romancista gaúcho busca de Samuel Ichiye Hayakawa, semanticista norte-americano, sua fonte sobre concepção de linguagem enquanto simbolismo, sendo que nas definições do norte-americano o símbolo é algo próprio do homem que torna possíveis os empreendimentos humanos da linguagem dependentes, atravessando os tempos e as civilizações. Erico não separa a linguagem da prática social, assim, a semântica é fundamental para compreender o que as palavras podem fazer “[...] a favor ou contra a humanidade” (BORDINI, 1995, p.31), não obstante, as palavras possuem sentido fora delas e por consequência, Bordini (1995) aponta a desconfiança do autor na autossuficiência da linguagem.

É forte a presença do existencialismo nas obras de Erico. Essa abordagem sente especialmente os problemas do Ser perante as exigências que o tempo e as paixões acometem as pessoas. Ser fiel à imagem da vida que os homens levam para “[...] suportar a consciência da finitude e a angústia existencial que o nada suscita, estaria a função da linguagem na literatura para Erico” (BORDINI, 1995, p. 33-34). Escrever é ater-se ao que deve ser verdadeiramente exposto e assim

Erico não abandona sua convicção de que o repertório e as estratégias envolvidos no fato literário são pedaços de vida, que antes de serem a obra já estiveram em outras mãos, estão impregnados da experiência humana e não devem ser traídos pelo escritor (BORDINI, 1995, p. 33).

Como narrador realista, o romancista “sabe que, se o pampa possui um mistério, também possui uma história. [...] os campos abertos não surgem como um ponto de fuga, mas como o espaço da memória [...]” (CHAVES, 1985, p. 10). Preocupando-se com as memórias, como aliado na interpretação do passado teve como fonte de pesquisa diversos relatos de viajantes que percorriam o Sul do Brasil no século XIX. Erico simplesmente definia-se como um contador de histórias e então para contá-las não omitia os acontecimentos e não os disfarçava. Há a “[...] existência de criaturas fictícias mas nem por isso menos verdadeiras” (CHAVES, 1990, p. 66), os personagens metaforizam tipos humanos historicamente constituídos.

O romancista tinha grande envolvimento psicológico nos romances sentindo em suas entranhas a criação e o desenrolar dos fatos. O autor elege o inconsciente como elemento essencial da criação, concebido para ele como o depósito das experiências, vivências e também intenções, implicando num trabalho quase psicanalítico a fim de trazer o que está no depósito (BORDINI, 1995). Como lhe interessava questões da psicanálise tinha em sua biblioteca obras de Freud para o que desejava conhecer em maior profundidade: o homem “[...] em seus piores ou melhores momentos [...]” (MENEHINI, 1990, p. 59). Schüller (1972) também completa: “o esforço de redescobrir o passado coincide com a técnica psicanalítica de Freud, que consiste em trazer à luz da consciência experiências submersas [...]” (SCHÜLER, 1972, p. 161). É uma sinfonia entre o inconsciente e o consciente, como o particular e o universal.

Erico não via próximo de si elementos que pudessem proporcionar base para a trilogia *O Tempo e o Vento* porque não lhe haviam transmitido boas imagens do

Estado do Rio Grande do Sul nos livros escolares, e também não presenciava “[...] densidade psicológica [...]” (BORDINI, 1995, p. 125) em parentes e conhecidos que lhe fornecessem inspiração literária. Refletindo os acontecimentos passados e presentes, reconheceu que havia muita coisa fascinante quando observou que a gente do Rio Grande do Sul era bastante diversa e, de fato, examinou a história com outros olhos. Desta forma, “[...] o reconhecimento de que havia matéria romanesca no povo rio-grandense é atribuída a uma elaboração do inconsciente [...]” (BORDINI, 1995, p. 126), aquele depósito de vivências, experiências e intenções.

Segundo Zilberman (2010), o romancista tinha posicionamento independente, desagradando a muitos nunca simpatizou com o partido comunista e também manifestava aversão ao fascismo e ao nazismo, além de não seguir a cartilha dos católicos. Quando Erico começou a redigir *O Continente*, o Brasil saía de uma ditadura,

Poucas nações, como Portugal e Espanha, na Europa, e Argentina, na América do Sul, mantiveram regimes autoritários [...]. O sentimento de vitória da democracia deve ter entusiasmado o romancista gaúcho, que se dispôs a narrar o penoso percurso dessa forma de governo no Rio Grande do Sul (ZILBERMAN, 2010, p.150).

O autor era defensor das liberdades de cada um e contra as ditaduras que se instauraram no País. Contudo, “[...] Verissimo duvidava da perduração da democracia no Brasil, o que deu ensejo para que ele tivesse em *O Tempo e o Vento* uma concepção cíclica da história” (SURO, 1985, p.150), havia chances de a ditadura voltar a governar o País, o que de fato aconteceu, até mesmo depois da morte de Erico. Entre 1930 e 1945 o Brasil teve alternância entre democracias e ditaduras, e isso de certa forma refletiu na obra, há evidências de que o autor, por mais que projetasse o romance *O Continente* desde 1939, só conseguiu realmente escrevê-lo após o fim do Estado Novo, em 1945. O término de uma era política foi o início concreto de uma obra.

5 | O TEMPO E O VENTO: SENTIDOS, CORRELAÇÕES E SUBJETIVIDADES

O tempo e o vento são significativos do início ao fim do romance, as gerações agem e repetem ações no tempo e o vento faz-se presente nos acontecimentos. Muito há nas entrelinhas da epígrafe do romance que dá indícios à trajetória cíclica da obra:

Uma geração vai, e outra geração vem; porém a terra para sempre permanece. E nasce o sol, e põe-se o sol, e volta ao seu lugar donde nasceu. O vento vai para o sul, e faz o seu giro para o norte; continuamente vai girando o vento, e volta fazendo seus circuitos (ECLESIASTES I, 4-6, apud VERISSIMO, 2015 [1949], p. 9, v. 1).

A epígrafe enfatiza o passar das gerações e a permanência de elementos da natureza, como a terra, o sol e o vento. Há como elementos de permanência também alguns objetos, construções, caráter de personagens e os mitos porque, na verdade, o tempo não acaba com tudo, o punhal do Pedro Missioneiro e a tesoura de Ana Terra, por exemplo, são objetos permanentes e a teimosia da família Terra também.

Entre alguns conceitos e utilizações sintáticas, segundo o dicionário da língua

portuguesa Aurélio (FERREIRA, 2010), tempo é a sucessão dos anos, dos dias, das horas, envolvendo a noção de passado, presente e futuro; é uma época; um momento apropriado para que algo se realize ou mesmo “certo período, visto do ângulo daquele que fala, com quem se fala, ou de quem se fala [...]” (FERREIRA, 2010, p. 2020). O tempo no romance é pulsante, intercalam-se conflitos, dramaticidade e momentos de pausas e ou esperas. Assim como definido pelo dicionário, Erico vê o tempo pelo próprio ângulo, falando sobre pessoas de um determinado tempo valendo-se das próprias percepções, intuições e experiências para compor um trabalho em que

[...] a linearidade do tempo natural e a planaridade do espaço físico são desafiadas constantemente pela voz narrativa, que as inverte, recorta e atravessa, retrocede e avança, detém-se, penetra consciências individuais e coletivas, retorna e se acelera, compondo um mosaico dinâmico da formação histórica do Rio Grande (BORDINI, 2004, p.52).

Suro (1985) menciona que o tempo histórico no romance é oriundo de uma estrutura cíclico-mítica baseada na natureza, o que faz com que as coisas se repitam entre as gerações, de uma época à outra. O que se constrói é uma narrativa que conversa com o aspecto mítico e histórico concomitantemente. Também, conforme Bordini (1995), o romancista preocupou-se em compreender filosoficamente a natureza e o significado do tempo e, por isso, o tempo psicológico lhe afligiu, preferiu o tempo guardado na mente em detrimento daquele registrado pelos historiadores, não utilizando muito a pesquisa histórica, afirmou ser mais intuitivo.

Segundo Schüler (1972), o tempo em que romancista leva para narrar o que ocorre no Sobrado entre 24 e 27 de junho de 1895 é o mesmo que leva para narrar 150 anos de acontecimentos nos demais capítulos. Nos capítulos de *O Sobrado* é focada a análise dos sentimentos dos personagens e nos demais as ações são mais rápidas, a exemplo do dia em que Bibiana e Rodrigo se casam. Nas formas narrativas mais intensas ou menos intensas não há omissão dos problemas, desafios, dores e angústias, seja dentro das guerras ou fora delas, existindo assim um efeito “[...] que permanece igual em todos os períodos históricos e essa é a base filosófica do pessimismo verissiano nesta obra” (SURO, 1985, p. 153-154), tudo sempre volta, é a mesma coisa.

O elemento mítico aparece muitas vezes na narrativa. No início do romance há a imagem dos Setes Povos das Missões como mãe do Rio Grande do Sul, no capítulo chamado *A fonte*. Nesse capítulo está a origem da narrativa sugerindo episódios cercados por eventos divinos, explicações sagradas, heróis e lendas “e, como é próprio ao mito, o tempo das origens pode ser recuperado através da repetição ritualística da ação dos ancestrais” (ZILBERMAN, 2004, p.43). Para exemplo de repetição ritualística cita-se o punhal de Pedro Missioneiro, que pertenceu ao Padre Alonzo e depois é entregue ao filho Pedro Terra, e a tesoura utilizada nos partos pela mãe de Ana Terra, D. Henriqueta, que passou às mãos da filha. No entanto, segundo Schüler (1972), os personagens não buscavam o passado, pois lá continha as experiências que não foram

boas, especialmente em se tratando de guerras e violência. Juvenal Terra manuseava o punhal herdado do avô sem consciência do que este objeto representou no passado e também não se interessou por saber.

Os traços hereditários transmitidos aos filhos e demais descendentes do romance são bastante evidentes e até os nomes próprios assinalam que as gerações “[...] repetem as anteriores [...] Bibiana duplica a avó não apenas por se assemelhar a ela, mas por portar seu nome em duplicata: [...] também é Ana e é Ana duas vezes” (ZILBERMAN, 2004, p.43). Nesse sentido, verifica-se que a história é circular, porque as ações modernas se assemelham às do passado. Erico foi determinado no modo mítico de falar sobre a realidade, traços dos personagens permanecem do início ao fim, em que os indivíduos são vitimados pela natureza porque as características foram herdadas.

Ele que estava lá de alguma maneira, especialmente para Ana e para Bibiana Terra, o Vento é como um personagem que frequentemente aparecia para visitá-las. Paul Teyssier (1995, apud BORDINI; ZILBERMAN, 2004) opina sobre a presença do vento no romance entendendo-o como uma metáfora, é como se tivesse uma voz assustadora,

O que o vento exprime é o mistério, o medo, a asfixia, a morte. Mas o Vento é também a voz do Tempo, esse tempo que não para de passar, esse tempo das longas esperas nas solidões desse fim do mundo. [...] o Vento é a expressão dessa dor de viver que a condição temporal do homem ocasiona. (TEYSSIER, 1995, p. 390, apud BORDINI; ZILBERMAN, 2004, p. 17).

Como uso simbólico o vento “[...] forma antítese com o tempo. Enquanto passa o tempo, permanece o vento. O vento se une às experiências dos personagens” (SCHÜLER, 1972, p. 164). Várias sentenças são narradas com a presença do vento quando um episódio anormal acontece, como: “[...] conversava com o vento que carregava suas palavras para longe” (VERISSIMO, 2015 [1949], p. 333), Pedro Terra quando soube da aventura amorosa do genro, e em “[...] as duas mulheres ficaram escutando o uivar do vento” (VERISSIMO, 2015 [1949], p. 335), Bibiana Terra e a mãe, quando a pequena Anita morreu. Com base nas sentenças proferidas pelos personagens e as narradas pelo autor, conclui-se que o vento aparece para abalar as estruturas da vida pacata dos personagens, é ele o anunciante que traz algo para desorientar a rotina. No entanto, as surpresas passam e tudo volta ao “normal”, até que o próximo minuíano apareça. Para Schüler (1972) a conclusão é melancólica porque

Os empreendimentos, sofrimentos, anseios do homem são vaidades. A história se apaga. Antes do início e depois do fim sopra o vento, o vento e nada mais. O nada situa-se em ambos os extremos da história. Os acontecimentos humanos que se ligam ao tempo não se beneficiam da perpetuidade dele. O vento não preserva os sentimentos que se prendem a ele. Sopra indiferente a tudo. (SCHÜLER, 1972, p.165).

O vento é um elemento natural e no dicionário significa o ar em movimento; ar, atmosfera; influência; embora também signifique “coisa vã, fugaz, efêmera, vaidade”

(FERREIRA, 2010, p. 2142). Na verdade, é certo que o vento passa e é fugaz, mas ele retorna sempre, dir-se-ia que o que passa e o que é vaidade são as coisas associadas a ele. Concordando com o texto de Eclesiastes, Tapado (1996) conclui: “Pois bem, tudo é vaidade e correr atrás do vento!” (TAPADO, 1996, s.p.). O texto bíblico caracteriza a trajetória familiar, é como se fosse uma simplificação do dia e da noite de todas as jornadas vividas pelas famílias, portanto, tem relação com o objetivo de se transpor a ideia de ciclo na narrativa. De fato, a epígrafe expõe a jornada de trabalho de que a humanidade é fadada, trabalha-se de sol a sol, mas tudo é vaidade e tudo é passageiro, porque todos terão o mesmo destino: todos morrerão e, sendo assim, o homem tem de seguir algo que lhe dê sentido à existência: agarrar-se à crença em Deus.

Apesar dos moldes pessimistas da narrativa, se todas as coisas passam também as más distanciam-se e resta a força de um povo e o franco desejo de pertencimento a uma família e a um Continente.

6 | CONCLUSÕES

Romance de formação, modernista, intimista, mítico, saga familiar, romance histórico, epopeia, neorealismo, neossimbolismo, romance social, enfim, uma infinidade de abordagens podem ser atribuídas ao romance que, a partir da liberdade expressa e defendida por Erico Verissimo, faz surgir uma outra liberdade: a da interpretação do leitor. Assim, esse artigo atingiu os objetivos ao perceber sentidos do romance *O Continente* em meio à história, às relações entre as gerações e à linguagem utilizada por Erico. Observa-se o cunho social de busca da origem rio-grandense que atravessa as fronteiras para tornar-se universal na dialética permanente com o particular.

O contexto do romance remonta às guerras e lutas territoriais a partir de 1745 e o fato de o autor não ser partidário de estereótipos, censuras, tampouco sensacionalismo, fomentou uma liberdade de criação para abordar o desenvolvimento de uma sociedade e da condição humana nos seus piores e melhores momentos. As referências intelectuais de Erico além de literárias são interdisciplinares, o gosto pela psicanálise interessou o autor pelas questões que afligem as pessoas, sem mascará-las, dizer que o machismo existe ou que a sina da mulher é esperar os familiares que foram à guerra é transcrita com uma linguagem bastante clara, mas não menos estratégica e carregada de sentidos.

O Continente tem muita informação sobre história e cultura gaúcha, a linguagem local utilizada nas falas dos personagens e também com efeito nas narrações do autor vai sendo afetada pela imigração e emigração na região. O que dizer dos italianos, castelhanos, alemães em Santa Fé? O universal chega ao particular cada vez mais, o que se exemplifica também pela grande diversidade religiosa presente atualmente no Rio Grande do Sul.

Quanto ao aspecto metafórico para falar sobre o tempo e o vento, como objeto

de análise do artigo, pode-se dizer que as famílias perpetuam-se pelo tempo, as gerações carregam heranças de frustrações e ou conquistas, mas é como se nada mudasse porque estão fadadas ao ciclo, aos movimentos de idas e vindas. É assim natural uma ventania antes da tempestade: o vento avisa que vem chuva e, no romance, ele avisa que vem problema e depois de passar a tempestade tudo volta ao normal porque o vento avisa que assim será e nada fica preservado. Um lugar de forte ventania é o cemitério, porque venta tanto no cemitério? Não há barreiras grandes, é um local afastado, é onde os empreendimentos das pessoas que morreram não fazem mais sentido, onde não há preservação das tais vaidades.

Poder-se-ia dizer que o romance teria sentido em acabar na trajetória da primeira geração já que se fala de ciclo, no entanto, é inegável o desenvolvimento social e o aprendizado que a humanidade alcança para melhorar as condições de vida que só o tempo proporciona.

Por fim, esse é um romance amplo a ser explorado e a trilogia *O Tempo e o Vento* pode favorecer a reflexão da literatura como meio de conhecimento cultural e histórico e destaque para a linguagem de um autor à frente do seu tempo, e da qual Schüller (1972, p.175) destaca: “Erico Verissimo faz dos moradores de *O Continente* cidadãos do nosso tempo”, fazendo com que se reflita sobre o sentido da vida.

REFERÊNCIAS

BORDINI, M. G. **Criação literária em Erico Verissimo**. Porto Alegre: L&PM, 1995.

BORDINI, M. G.; ZILBERMAN, R. **O tempo e o vento**: história, invenção e metamorfose. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

CANDIDO, A. **Literatura e sociedade**. 8 ed. São Paulo: TA Queiroz, 2002.

_____. Erico Verissimo de trinta a setenta. IN: CHAVES, F. L. **O contador de histórias**: 40 anos de vida literária de Erico Verissimo. Porto Alegre: Globo, 1972. p. 40-51.

CHAVES, F. L.; STRELIAEV, L. **A Terra de Erico**. Relatório da Diretoria SAMRIG 1984, 1985.

CHAVES, F. L. **Erico Verissimo**: realismo e sociedade. Porto Alegre: Globo, 1976.

_____. O Compromisso da literatura. IN: BORDINI, M. G. (Org.). **Erico Verissimo**: o escritor no tempo. Porto Alegre: Sulina, 1990. p. 65-68.

FERREIRA, A. B. H. **Novo dicionário da língua portuguesa**. 5. ed. Curitiba: Positivo, 2010.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1991.

GONZAGA, S. Erico e os modernos. IN: BORDINI, M. G. (Org.). **Erico Verissimo**: o escritor no tempo. Porto Alegre: Sulina, 1990. p. 37-40.

MENEZHINI, L. C. Erico e a psicanálise. IN: BORDINI, M. G. (Org.). **Erico Verissimo**: o escritor no tempo. Porto Alegre: Sulina, 1990. p. 57-60.

SCHÜLER, D. O tempo em “O Continente”. IN: CHAVES, F. L. **O contador de histórias**: 40 anos de vida literária de Erico Verissimo. Porto Alegre: Globo, 1972. p.158-175.

SILVEIRA, D. T.; CÓRDOVA, F. P. A Pesquisa Científica. IN: GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. (Orgs). **Métodos de Pesquisa**. Porto Alegre: UFRGS, 2009. Cap. 2. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/cursopgdr/downloadsSerie/derad005.pdf>>. Acesso em: 25 maio, 2017.

SURO, J. R. **Erico Veríssimo**: história e literatura. 1. ed. Porto Alegre: D. C. Luzzatto, 1985.

TAPADO, R. **Nietzsche na Bíblia**. A Notícia, 1996. Disponível em: < [http://renatotapado.com/artigos/nietzsche-na-biblia />](http://renatotapado.com/artigos/nietzsche-na-biblia/). Acesso em: 17 jun., 2017.

VERISSIMO, E. **O Tempo e o Vento**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015 [1949]. Parte I: O Continente, v.1.

_____. **O Tempo e o Vento**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015 [1949]. Parte I: O Continente, v.2.

ZILBERMAN, R. Erico Verissimo: artista, intelectual e pensador brasileiro. **Antares**: Letras e humanidades, n°3, jan/jun 2010. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/etc/revistas/index.php/antares/article/view/423>>. Acesso em: 25 maio, 2017.

SOBRE O ORGANIZADOR

IVAN VALE DE SOUSA Mestre em Letras pela Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará. Especialista em Gramática da Língua Portuguesa: reflexão e ensino pela Universidade Federal de Minas Gerais. Especialista em Planejamento, Implementação e Gestão da Educação a Distância pela Universidade Federal Fluminense. Especialista em Arte, Educação e Tecnologias Contemporâneas pela Universidade de Brasília. Professor de Língua Portuguesa em Parauapebas, Pará.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-280-7

